DESORGANIZANDO PILARES E ENCONTRANDO FISSURAS:

O reencontro com a noite e o resgate das histórias visibilizando afetos e sensibilizações.

DISORGANIZING PILLARS FINDING CRACKS:

The reunion with the night and the rescue of the stories showing affections and sensitizations.

Márcio Jorge Alves Cardoso De Melo

tog.300@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo:

O presente trabalho aborda uma experiência em arte-educação desenvolvida em forma de Laboratório de Performance para mulheres que trabalham em uma boate *night club* na cidade de São João Del Rei – MG. O processo de ensino e aprendizagem, realizado pelo viés da educação não-formal, norteou a experimentação multidisciplinar de produção de conhecimento e poéticas de si, basilares nas ações deste laboratório. As reflexões apresentadas nesse texto eclodem pelo viés da memória tendo a performance-arte como condutora dos processos.

Palavras-chave: performance-arte, arte-educação, experimentação, night club, poética.

Abstract:

The present work deals with an experience in art education developed in the form of a Performance Laboratory for women who work in a night club in the city of São João Del Rei - MG. The teaching and learning process, carried out from the perspective of non-formal education, guided the multidisciplinary experimentation of producing knowledge and own poetics, which are fundamental in the actions of this laboratory. The reflections presented in this text arise through the memory bias, with performance-art as the conductor of the processes.

Keywords: performance-art, art-education, experimentation, nightclub, poetic.

Dos caminhos e buscas dentro do ensino do teatro e de outras formas e experimentações artísticas, a performance-arte e a arte-educação foram áreas que me identifiquei e que me acolheram em meu processo de formação acadêmica e artística. Meu desejo era de pesquisar, experimentar e desenvolver trabalhos artísticos e educacionais que atrelassem e aproximassem a performance-arte e a arte-educação. Pesquisava por trabalhos que tivessem como ponto inicial obras artísticas que tratassem das poéticas de cada ser. A partir dessas poéticas desenvolvidas, buscava uma aproximação e um melhor entendimento da necessidade ou não de uma preparação corporal que antecederesse o ato performático.

Partindo destas questões, sintetizei uma proposta de um “Laboratório de Performance” no âmbito da educação Não-Formal¹, que alcançasse pessoas com ou sem formação artística, entendendo cada pessoa como um ser cultural, social, político e com potenciais artísticos a se pesquisar e desenvolver. Minha ideia era pesquisar primeiro se para cada ação em Performance é necessária uma preparação. Se sim, como seria essa preparação, se seria uma preparação específica de cada performance ou se existiam preparações que se adequassem a várias ações performáticas.

Fui em busca de processos metodológicos e exercícios já estabelecidos no campo da performance-arte, novos para mim, provenientes de outras fontes e experiências diferentes das que já tinha realizado como artista e como monitor da disciplina Comunicação e Expressão: a performance da presença do curso de Comunicação Social ministrada pelo professor Juarez Guimarães Dias na Universidade Federal de Minas Gerais. Nessas buscas, participei do festival “Performe-se – fronteiras borradas fronteiras erguidas”, na Universidade Federal do Espírito Santo, realizada com apoio de instituições públicas e privadas. Foram quatro dias com uma programação extensa entre oficinas, mostra de vídeo-performance, palestras e muitas apresentações de Performances. Participaram do encontro Arte-educadores e performers como Priscila Rezende, Renata Felinto, Renan Marcondes, Suelen Calonga Pessoa, Artur Matuck, Erly Vieira, Tiago Sant’Ana, Cristiana Nogueira, Dani Barsomian, Andressa Cantergiani, Marcel Diogo, Claudia Paim entre tantos outros artistas e educadores.

Participei de praticamente todas as atividades do festival, exceto as que ocorriam em horários concomitantes. Conheci pessoas, conversei e troquei com muitos educadores e artistas, buscando ouvir, ver, sentir, pegar e deixar escorrer pelas mãos a Performance. Enquanto artista-performer, participei de duas Performances, uma a convite da artista, educadora e performer, Cristiana Nogueira e outra como finalização da oficina “Experimentos Urbanos / Limites do Corpo”, ministrada também por Cristina Nogueira. Não levei nenhum trabalho autoral para o festival. Na verdade, tinha escrito a performance “Parede branca papel de Néscios”, porém não foi aprovada no edital do festival.

¹ Educação Não-Formal - Decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não-formal pode ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado para preparação de exames).

A oportunidade de aproximação com artes-educadores e artistas da performance-arte me proporcionou ambientes nos quais pude colocar questões como as perguntas trazidas no começo deste texto. Em conversas e na prática, percebi, de início, que o objetivo ou a meta nesse tipo de trabalho, que envolve performance-arte, não é o resultado. Entendi que o processo é mais considerado do que, propriamente, o resultado em si, pois, é no processo que as camadas de sensibilização e de transformação acontecem. É no processo que as poéticas emergem. A inserção de qualquer expressão artística contemporânea no âmbito educacional está atrelada ao processo e ao resultado. A ênfase é dada ao questionar, descobrir e procurar (TESCH; VERGARA, 2012, p.11 apud RODRIGUES, 2015). A oferta direta do resultado pode trazer o distanciamento ou afastamento por já oferecer como proposta o produto final, não permitindo acolhimentos e pulsões que possam imergir poeticamente. É importante manter um fluxo de oportunidades nas quais os processos podem ampliar as possibilidades educacionais.

Neste ponto, proponho aproximações cuja possibilidade inicial é um dos questionamentos que citei no começo do artigo, se existe uma preparação que antecede uma Performance. Acredito que existem vários tipos de treinamentos, exercícios ou preparações que a antecedem, existem também lugares onde a própria preparação já é uma performance, onde ela é a ação. O nome desta ação, que pode ser uma performance ou que antecede uma performance, varia conforme artista ou autor. FABIÃO (2013, p.10) traz um conceito do artista Pope.L: “Se tivesse que dar outro nome ao que faço, se não chamasse de performance, chamaria de prática”. Uma “prática”. Já FABIÃO (2013, p.5), usa outro termo, segundo ela, é através da realização de “programas” que “o artista desprograma a si e ao meio”. Através de sua prática, acelera circulações e intensidades, deflagram encontros, reconfigurações, conversas.

Em sala de aula e oficinas, conheci o termo “rotina”, trazido pela prof.^a Dr.^a Graziela Andrade do curso de Dança da Universidade Federal de Minas Gerais. Daqui em diante, vou utilizar o termo rotina no decorrer do texto, inclusive para o que irei apresentar a respeito do Laboratório de Performance. Acredito que o termo rotina se adequa melhor as experiências que tive enquanto artista da performance-arte e estudante de teatro licenciatura pela Universidade Federal de Minas Gerais e participante de oficinas, laboratórios e experimentações cênicas.

Durante as oficinas do festival “Performe-se – fronteiras borradas fronteiras erguidas”, como a “Experimentos Urbano - Limites do Corpo”, ministrada pela professora/performer Cristiana

Nogueira, compreendi melhor que uma rotina também pode ser oferecida e experimentada em uma ou mais ações performáticas, não necessariamente aquela rotina é específica de uma determinada Performance. O ponto aqui é o corpo. Embora a rotina possa ser seguida meticulosamente por outra pessoa, o corpo não é o mesmo. O tempo não é o mesmo. FABIÃO (2013) comenta que o artista, através do corpo em experiência, cria relações, associações, agenciamentos, modos e afetos extraordinários. Performances são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. Cada corpo tem suas poéticas, influências culturais, sociais, políticas e nos processos artísticos essas composições podem ser expostas. As rotinas trazem a pulsão do sensível quando o corpo é colocado em prática, em movimento, em ação. São estes lugares que me interessam muito e foi por eles que busquei a elaboração do Laboratório de Performance.

Após me debruçar sobre estas questões, precisava ir para a prática como arte-educador. Voltei os pensamentos para a minha infância e meus primeiros contatos com o que entendo hoje como arte. Foi pensando nessa trajetória, realizada até aquele momento dentro da graduação em Teatro, e nas lembranças de influências artísticas enquanto criança que resolvi me aproximar do universo da noite no qual passei grande parte da minha infância e adolescência, decidi voltar ao universo de boate *Night Club*². No contexto familiar, meu pai foi garçom de uma boate *Night Club* em Belo Horizonte por mais de 15 anos e minha madrastra foi, por um período, coreógrafa, produtora, atriz, dançarina, costureira, figurinista e mãe. Era comum na década de 80 e até meados da metade da década de 90 as boates *nights clubs* de Belo Horizonte terem shows montados³, não somente shows de strippers como nos dias atuais na maioria das boates *nights clubs* de Belo Horizonte. Quando criança, acompanhei muitos ensaios de covers de várias personalidades como Liza Minelli, Edith Piaf, Charles Chaplin, Dizi Croquete entre outros. Minha madrastra me levava aos ensaios dos shows que aconteciam durante o dia onde presenciei todo o universo dos bastidores como luz, maquiagem, figurino, coreografias, cenário, palco e a energia envolvente da arte.

² São boates geralmente voltadas para um público de poder aquisitivo alto que trabalham com mulheres que fazem programas. Não necessariamente os programas acontecem nas boates. Geralmente as *Night Club* são pontos de encontro entre clientes e as mulheres que trabalham. No texto apresento o termo *night club* separado pois é como usualmente as casas noturnas ou boates usam aqui no Brasil. Existem versões em inglês da palavra *night club* escrita junto.

³ Espetáculos musicais, teatrais e dublagens.

Com a ideia do retorno a este ambiente da noite já estabelecida, pretendia vivenciar essa volta como um fechamento de ciclo, uma forma de agradecer aos ambientes, às pessoas que nele me inspiraram e a todo universo da noite, entendendo este retorno como uma forma de manifestar o quanto foi importante eu ter tido tantas influências marcantes naquela etapa da vida que reverberaram na escolha das artes como profissão. Como não tinha nenhum contato na noite *night club* da cidade de Belo Horizonte, até porque o mercado da noite mudou muito com a era digital e várias boates fecharam dando vazão para os sites de encontros, entrei em contato com pessoas próximas que trabalham em uma boate *night club* chamada *Casa Blanca* na cidade de São João Del Rei também em Minas Gerais. Estes contatos vieram através de amigas que fiz na noite de Belo Horizonte. Uma pessoa muito próxima que trabalhava em boates *nights clubs* na cidade de Belo Horizonte se mudou para São João Del Rei e hoje trabalha em uma casa noturna lá, ela foi a ponte.

Entre em contato por telefone com um funcionário da Boate *Casa Blanca* e agendei um encontro com o gerente onde iria apresentar o projeto do Laboratório de Performance. Chegando lá, devido as proximidades e vivências com a noite, coincidiu de já conhecer o gerente atual da *Casa Blanca* e ter trabalhado há muitos anos com ele em Belo Horizonte. Apresentei o projeto e entre conversas e lembranças ele aceitou. Meu projeto era oferecer um Laboratório de Performance com três encontros para as garotas⁴ que trabalham na boate como *strippers* e com programas.

Aqui, fiz um recorte em relação ao público que desenvolveria o trabalho. Escolhi trabalhar somente com as mulheres porque, das minhas lembranças afetivas que trago no texto, a minha relação de criança nos ensaios era com as garotas e as *drags*, não tive contato com os clientes e com a noite diretamente. Por isso, meu recorte de gênero voltado para as mulheres, inclusive pelo fato de a boate *Casa Blanca* não ter shows de *drags*. Tratar da noite e suas camadas transitaria para outro trabalho, principalmente porque, em boates *nights clubs*, o objetivo máximo é a discrição.

⁴ Aqui adoto o termo que a maioria das mulheres da noite com quem conversei preferem ser chamadas. Elas preferem garotas do que mulheres. O lugar da juventude e do novo é bem forte no universo night club. É um lugar muito problemático pois traz o corpo sendo objetificado e influenciado pela questão do novo da novidade. Nas boates são proibidas menores de 18 anos, porém o lugar da novidade atrai clientes e consequentemente dinheiro. Shows que nunca foram realizados naquela boate, mulheres que chegam pela primeira vez naquele estabelecimento night club são exemplos desse lugar do novo. Ao ouvir delas que preferem ser chamadas de “garotas” em uma posição estabelecida, acredito que vem do lugar de mostrar que não são velhas. Embora o termo seja muito problemático prefiro trazer a forma que elas enfatizam ser chamadas reconhecendo-as como pessoas que possuem desejos, pensamentos, vivências e gostos.

São universos dentro de universos e a discrição é levada muito a sério nestes ambientes, tanto por parte dos clientes como por parte dos funcionários e funcionárias.

Consegui, junto ao gerente, residir na boate *Casa Blanca* durante três semanas das minhas férias universitárias. Nos meses antecedentes a essas férias, fui alguns finais de semana a boate, buscando me aproximar das garotas em termos de apresentação de quem eu era e qual era o meu propósito ali com o projeto. Com o gerente da boate *Casa Blanca* estava tudo combinado e resolvido.

Voltando para a universidade, intensifiquei meus trabalhos, buscando mais referências da noite e lembranças das minhas vivências. Como já tinha estabelecido o local e o público para o laboratório, precisava mergulhar ao máximo no universo da noite tendo como ponto de partida minhas lembranças da infância. Toda informação naquele momento da pesquisa, qualquer lembrança, poderia ser um instrumento potente a ser utilizado no laboratório. Nesse momento, entendi que imergir nas minhas poéticas durante o processo de pesquisa artística seria muito valioso para ter uma referência performática prática. A partir das minhas poéticas poderia me aproximar de várias outras pessoas e várias outras poéticas em performance.

Elaborei uma série de ações, ou rotinas, partindo das lembranças de infância do universo da noite e da boate, para experimentar como meu corpo reagiria. Para tais ações, escolhi inicialmente, como plataforma artística, a fotografia e imagens coletadas da internet que me aproximavam dos ambientes e das personagens da noite. Minha ideia era saber como meu corpo, agora adulto, hétero, branco, economicamente desfavorável, universitário, suburbano, vegetariano, reagiria ao universo da noite e seus personagens. Meu trabalho começou com imagens. Pesquisei imagens na internet via *Google*, *Pinterest*, *sites* de boate *night club*, entre outros, dividindo por partes de lembranças que trazia da infância. A divisão das imagens e arquivos foram feitas em pastas que seguiram assim:

- . Vestidos de noite;
- . Lantejoulas, plumas e paetês;
- . Imagens de mulheres de corpo inteiro que me aproximavam das imagens que tinha em mente na infância das garotas da noite;⁵

⁵ Nas imagens percebi um padrão de mulheres magras, brancas, cabelos lisos, modelos ou artistas de cinema e cantoras.

- . Croquis de roupas de shows;
- . Imagens de rosto de mulheres;
- . Imagens internas de boates *nights clubs*;
- . Músicas que me lembravam ou que me aproximassem dos shows e da noite *night club*.

Com este material reunido, organizado e pesquisado, lembrei-me de uma prática comum da minha infância, fazer compras de material de costura a pedido da minha madrastra. Ela me dava a lista com o que queria e me falava aonde encontrar cada item e eu ia. Refiz uma lista com o que lembrava. Com a lista em mãos, refiz os caminhos que fazia quando criança nas lojas e comprei pequenas quantidades de lantejoulas, plumas, linhas, tecidos, botões e paetês. Hoje, muitas daquelas lojas já são outros estabelecimentos e outras permanecem como armarinho. Em comum, o fato de todas as lojas estarem concentradas no centro de Belo Horizonte e em um shopping popular chamado galeria do Ouvidor, também em Belo Horizonte.

Neste mesmo movimento de arquivo e pesquisa, fui até a minha mãe e comecei a conversar com ela sobre essa época. Sou filho de pais separados, minha mãe também trabalhou um tempo na noite como sacoleira⁶ e conhece bem esse universo, meu pai já trabalhava na noite como garçom quando eles se conheceram e ainda estavam juntos. Nessa conversa com a minha mãe, consegui álbuns de fotografia da minha infância e roupas de quando eu tinha entre 5 e 7 anos de idade que ela guardava.

Também conversei com meu pai, com ele, descobri uma caixa com muitas fotografias de eventos ocorridos em uma boate de Belo Horizonte chamada *New Sagitários Night Club* onde ele trabalhou. Ele tinha guardado e não mexia há muito tempo nessa caixa e só lembrou porque fui falando bastante do que tinha conseguido até o momento. Comecei a ver as fotos e, junto com ele, relembramos nomes dos clientes, os nomes das garotas, nomes dos porteiros e garçons, a arquitetura da boate por dentro, a energia, o motivo daqueles eventos... eram muitas fotos. Porém, para o tipo de proposta que estava vivenciando e almejando não cabia naquele momento utilizar destas fotografias para expô-las, por exemplo. São imagens de muitas pessoas em um momento da vida passado que, se de alguma forma viessem a público, poderiam prejudicar a vida de alguém. Fechei a caixa e a guardei no mesmo lugar que havíamos encontrado.

⁶ Vendedor ou vendedora de roupas que geralmente vão de casa em casa ou de comércio em comércio vender roupas.

Foram muitas as lembranças e resgates que eclodiram do meu corpo. A sensação era de privilégio por me aproximar deste material descoberto nas lembranças e, agora, utilizá-los e transformá-los artisticamente era um dos meus desejos, recordando, revivendo, redescobrimo e usando esse material como pulsão para novas ações artísticas. Minhas poéticas sociais, culturais e políticas daquele universo infantil estavam agora sendo filtradas artisticamente por outras poéticas que trago como adulto. É uma desconstrução que tento aproximar para a performance.

LOPES (2010) aponta a memória como raiz dos procedimentos criativos do performer. Quando utilizada em processos artísticos, o uso da memória entra como um impulso, como uma motivação, como um tema ou como um procedimento para tornar o trabalho com o seu corpo um objeto cultural. Paralelamente a essa pesquisa, estava conhecendo e desenvolvendo trabalhos com Fotografia Preto e Branco no estúdio e laboratório de revelação fotográfica da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Uni as duas pesquisas e comecei a tentar, na Fotografia P&B, estabelecer relações entre minhas fotos de infância e as imagens de mulheres que coletei e arqueei. Por exemplo, em uma foto da minha formatura do Jardim de infância, estou em pé olhando para a esquerda, procurei uma imagem nos meus arquivos de uma mulher de corpo inteiro olhando para a direita. Ao unir as duas fotos, estabeleci um diálogo entre elas, como se um estivesse olhando para o outro. Fui para o Laboratório de Fotografia e coloquei as duas imagens sobre um papel fotográfico, utilizando da técnica de Fotograma⁷ fiz a parte da criança negativa e a da mulher positiva no papel fotográfico. Após a experiência e revelação, a imagem ampliada mostrava uma criança olhando para uma mulher com o efeito de negativo e positivo em preto e branco. Desenvolvi mais quatro relações com minhas fotografias de infância e as imagens de mulheres. Poderia ter explorado mais imagens, porém, o papel fotográfico é caro e eu não possuía mais recursos. Por fim, utilizei suportes como fundo para as imagens. Banhados em purpurina, fizeram com que as fotos ganhassem um olhar mais da noite *night club*.

Reuni todo o material que tinha até aquele momento, as roupas de infância, o material de costura das compras realizadas e as fotos trabalhadas em laboratório de revelação. Em uma espécie de instalação, organizei no Estúdio de Fotografia da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, minhas roupas do Jardim de Infância, as plumas, paetês, brilhantes e as fotografias

⁷ Denomina-se fotograma cada uma das imagens impressas quimicamente no filme cinematográfico ou no papel fotográfico.

de estúdio. Após esta organização fotografei e deixei registrado mais este arquivo. Consegui, assim, materializar artisticamente o que tinha lembrando, vivenciado, conversado, sentido, redescoberto, aproximado e compartilhado das minhas experiências que considero primeiras experiências artísticas na infância. Agora, era, canalizar e distribuir estas ramificações e impressões para o Laboratório de Performance.

Como descrevi anteriormente, fiz algumas visitas em finais de semana a Boate *Casa Blanca* na cidade de São João Del Rei. Voltar na noite *night club*, no âmbito pessoal, é uma nova oportunidade de me redescobrir e identificar minhas sensibilizações, fraquezas, pulsões e poéticas enquanto estudante em artes. No campo ampliado e coletivo, é uma oportunidade de troca com um público artístico e não artístico fora da rota comum de galerias, festivais, espetáculos escolas e universidades. São artistas de outros palcos, em outras perspectivas e vivências, diferentes das que eu estava cercado.

Durante as visitas, aos finais de semana, à boate *Casa Blanca*, escutei bastante, fiz amizades e me redescobri nos pontos em comum entre mim e as garotas, bem como, tentava imaginar e me aproximar do que não era comum entre a gente. Neste ponto, retorno com a questão da metodologia, busquei me aproximar do que seria interessante, acolhedor e que atendesse às exigências investigativas no campo da arte-educação e da performance-arte. Preocupava-me em cuidar das trocas de conhecimento enquanto pesquisador, cuidados pessoais e sensíveis, respeitando sempre as pessoas e o campo de pesquisa. Entendia essa oportunidade como um aprofundamento de uma cultura também popular, também científica e também artística.

A virada afetiva vinha como uma plataforma metodológica mais adequada por sua atenção à poética e à política da linguagem e da passagem criando pontos em comum entre sujeitos com o foco na capacidade de afetar e ser afetado. (STEWART, 2007). A virada afetiva me impulsiona a misturar, espiralar, me perder e me encontrar durante este trabalho. Ajuda a não me distanciar das relações em performance que podem se entrelaçar nas relações pessoais me colocando como ser humano vulnerável em constantes questões e perguntas em relação a própria arte e a vida. Aqui também estou me modificando.

No ambiente das boates *nights clubs*, estamos adentrando em um local onde o corpo é o foco das relações, porém, pretendi, com o trabalho de residência artística, buscar outras camadas desses corpos sensíveis e não diretamente o corpo como mercadoria, objetificado, camuflado e

estimulado entre camadas como fama, interesses, prestígios e exaltação do financeiro através de posses e superficialidades. Meu interesse é outro, incluindo-me na noite como um perdedor, considerando-me um perdedor dos lugares onde perpasso até onde estou nesta etapa da vida. Neste momento, me incluo no que Bernstein traz de uma entrevista com Penny Arcade:

Penny Arcade se declara perdedora diz que vem de uma longa linha de perdedores. “Na América, dizem a todo mundo que eles vão vencer, mas todos não podem vencer! ALGUMAS PESSOAS TÊM QUE PERDER!” Jack Smith fracassou publicamente. Penny nos conta que ele praticamente morreu de fome. “Ele morreu de Aids, mas antes disso ele passou fome por 20 anos”. Os artistas de vanguarda, os poetas, os junkies, as putas, a verdadeira boemia, esses não estão preocupados em ganhar, são perdedores intencionais. O underground pode ser destruído, mas não pode ser cooptado pelo mercado, transformado em commodity. “O underground é inviolável”, diz Penny. “Não é um lugar. É um espaço metafísico. O underground é onde a boemia encontra o submundo, o mundo do crime. Se você não tem uma classe criminoso funcionando na sua cena artística – você tem academia”. (ARCADE, 1997 apud BERNSTEIN, 2001, P, 101).

Acredito que essa seja uma das localizações mais lúcidas que tive nesse trabalho e nas conversas com as funcionárias e funcionários nos finais de semana em que estive presente na boate *Casa Blanca*. Lúcida, quando me apresenta uma terapia do espelho que mostra os lugares que percorri até aqui, por mais permeados de violência, intolerância, preconceito e constante mudança, esses lugares eram ambientes também repletos de possibilidades de me conhecer, me identificar e viver próximo do que talvez seja real. É perdido que me acho. É nas bordas, nas fissuras e nas perdas metafóricas que estou. A própria escrita também me faz refletir sobre as experiências íntimas de emoção, corpo e vivências que me aproximam do que Penny Arcade traz como perdedora. Entendendo este “perdedora” como um lugar de acolhimento e afeto que buscamos na vida, um compartilhamento afetivo de experiências que nenhum capital consegue suprir a longo, médio ou curto prazo. Aqui, entendo como lugares onde as camadas do corpo e do sensível são expostas e colocadas na vida, sem intermédio material, sem representação por posses, sem escudos e blindagens. A vida sincera em sua essência. São aproximações e reconhecimentos da vida e do corpo com suas limitações, frustrações, prazeres temporários, buscas internas e expansões relacionais.

Voltando à pesquisa na boate *Casa Blanca*, em minhas primeiras sensações nas visitas e nas conversas com as garotas, os sentimentos se misturavam, mas, o que estava latente era o acolhimento muito familiar. Via pedaços de mim em cada conversa com os funcionários e com as mulheres que trabalham na boate.

Nestas aproximações, quase que em sua totalidade, algumas características também me saltaram percepções que antes, no corpo de uma criança, não haviam. Uma delas é a de que, em sua maioria, as garotas são mães e moram distantes do ambiente de trabalho. Embora existissem garotas de classe média e alta, a maioria precisa do trabalho para manter as contas em dia, bem como, seu sustento sendo arrimo da família. Outra característica, que surgiu muito forte nas conversas, está ligada às relações afetivas entre elas e os funcionários e clientes. Em sua maioria, as carências afetivas são expostas ali no universo e atmosfera que compõem a noite, em uma busca de resoluções rápidas e marcantes por possíveis acolhimentos afetuosos. Essas possíveis resoluções podem aparecer com clientes, entre os/as funcionários e na relação direta com o consumo de bens materiais e outras substâncias que a noite pode oferecer. Podem surgir também por outros canais a serem encontrados emocionalmente. O que trago para a conversa são os caminhos comuns, mais explícitos e experimentados. Um músico chamado Black Alien compôs uma música com o título “Na noite tudo se resolve”, acredito que deve ser por aí.

Com certa familiaridade conquistada com os funcionários da boate *Casa Blanca Night Club*, com as garotas, com a arquitetura, com o funcionamento da noite, e, apresentadas as aproximações com essa atmosfera, termino minhas visitas durante os finais de semana e trago agora como foi elaborado o Laboratório de Performance e meu processo de estadia na boate. Porém, antes, uma rápida descrição da boate *Casa Blanca*. A Boate *Casa Blanca* se encontra na cidade de São João Del Rei próxima ao chamado Trevo do Eloi, bem na entrada da cidade. Estruturalmente, é um prédio de quatro andares onde o primeiro andar é a boate, o segundo andar é onde ficam os quartos que as garotas residem. Elas pagam uma quantia mínima pelo quarto que não chega a R\$10,00 mensal. O gerente explicou que a cobrança é uma obrigatoriedade da justiça local e que o não cumprimento pode caracterizar cárcere privado, mesmo as garotas tendo total liberdade de sair. Geralmente, em média, a permanência de uma garota na boate é de quinze dias, podendo variar para mais ou menos. Normalmente, elas ficam mais tempo por questões financeiras e depois retornam para ver familiares. É muito fluído e sem um padrão específico, no entanto, a média é de quinze dias. As garotas têm almoço, café da tarde e frutas disponíveis, além de um fogão, geladeira e uma tv. A boate *Casa Blanca* não oferece jantar. No terceiro andar estão as suítes a serem alugadas para os clientes fazerem programa e, no quarto andar, um escritório de acesso do gerente e funcionários. Estes dados todos são importantíssimos para o entendimento da rotina do estabelecimento, bem

como, a rotina das garotas, além de me fazerem entender em que formato disponibilizaria o Laboratório de Performance.

Com estas informações e experiências, até aquele momento, proporcionadas pelas aproximações afetivas, havia pensando em elaborar um laboratório onde a performance-arte e a comunicação se entrelaçassem com o conquistado até o momento. Começa meu período de estadia. Durante a minha estadia na boate *Casa Blanca Night Club*, fiquei em uma suíte do terceiro andar. Era a primeira suíte perto da escada. Quarto 1. Já estava com a proposta do Laboratório de Performance mais estruturada e adequada à rotina da boate. Os finais de semana e minhas percepções me ajudaram bastante. Elaborei o Laboratório de Performance pensando em um formato de três encontros onde, em cada dia, teríamos uma série de rotinas tendo como público as garotas que trabalham na boate e convidadas. As convidadas eram artistas mulheres cisgênero e uma mulher trans, minhas amigas, residentes da cidade de São João Del Rei. O horário seria das 15 às 18 horas. A escolha do horário foi pensada pelo cuidado e cálculo do tempo que normalmente a boate *Casa Blanca* fecha, o tempo de descanso, horário de alimentação das garotas e a rotina dos funcionários da limpeza durante o dia. A área disponibilizada para o Laboratório de Performance foi um galpão pequeno que fica ao lado do estacionamento da boate.

Intitulei a oficina com o nome de *Laboratório de Performance – Tumulto*. O nome *Tumulto* veio de experiências internas e diárias que temos com nossos sentimentos que em sua maioria não estão organizados. Tumulto vem das misturas vívidas, mistura conhecida como “Massala⁸” no oriente. Tumulto, por encontrar a poesia *Para que poetas em tempos de terrorismos*, de Alberto Pucheu, em extrato de *Meu Nome é Tumulto*, um soco no estômago. Pensando no corpo, em suas vivências e experiências, voltando o olhar para as transformações internas e como estas transformações podem acontecer de forma híbrida e não linear. Nestes lugares constantes e pelas influências já citadas, chego ao nome *Tumulto*. Tumulto por mim, pela noite, por você e por ninguém. O *Laboratório de Performance – Tumulto* foi dividido da seguinte forma:

1º DIA - Ressignificação do corpo e do espaço:

Pretende-se, junto com a turma, entender a aplicabilidade das rotinas propostas na prática e suas relações com o espaço e com os corpos presentes. Proporcionar trocas de culturas através

⁸ Mistura de condimentos ou especiarias do oriente.

de uma roda inicial de abertura. Após diálogos e apresentações em roda, propor rotinas de reconhecer o espaço trabalhando movimentações, tempos, velocidades, alturas e estratégias em jogo. Desenvolver rotinas que trabalhem a comunicação, interioridade e mobilidade. Ao término das atividades, uma roda avaliativa do dia.

2º DIA - Os planos de expressão do performer:

Pretende-se uma aproximação dos corpos conjuntamente, desenvolvendo sensibilizações e identificações que passam pela porosidade e atravessamentos enquanto grupo e individualmente. Proporcionar trabalhos multidisciplinares e integrados entre as poéticas de si e sua relação com a alteridade entendendo a performance como dispositivo, como método e não como produto final.

3º DIA - Corpo que performa, vivências multifacetadas:

Pretende-se utilizar por meio das rotinas propostas, diferentes formas de expressão artística disponibilizando recursos corporais performáticos que transitam fronteiras. A participante poderá fazer um intercâmbio entre as experiências adquiridas e o seu próprio universo poético. Pensar a performer e suas poéticas, tensionando quais articulações podem ser estabelecidas e quais são os aprimoramentos desenvolvidos individualmente, em grupo e suas relações com o mundo. Composições performáticas, (re)performance e yoga.

Aqui, acredito encerrar a proposta do *Laboratório de Performance – Tumulto*. Também atento que este encerramento pode ser o começo, aberto a encontros e desaguamentos de vida que a arte-educação e a performance-arte trazem como propostas. Tenho agora uma oportunidade artística, possibilidade de encontro e somatório de ferramentas multifacetadas para junção de pessoas em prol de um possível entendimento complexificado do mundo (PESSOA, 2018), construído enquanto polifonia, a partir de múltiplos e localizados pontos de vista, investindo num potencial para a consolidação de práticas mais acolhedoras e engajadas com a promoção da hospitalidade no mundo em todas as dimensões da vida de nossos atos cotidianos ao exercício da ciência. (PESSOA, 2018 apud BOAVENTURA, MANTOVANI, 2019, P.86). Transformar-me e transformar os universos através da arte. Consegui concluir, enquanto estudante, artista e pesquisador, uma proposta verdadeira e repleta de acolhimento e afeto. Consegui alcançar mais uma etapa como educador em formação que traz muito de mim e das vidas que compartilhei e troquei até o momento. Dando continuidade nos desejos e entendimentos veio o desafio da prática, ampliar o pensar para o pensar a boate *Casa Blanca Night Club* além lugar de moradia e trocas.

Como descrevi acima, hospedei-me em uma das suítes, mais precisamente no quarto 1. A primeira, de um corredor com mais cinco suítes. Minha ideia para o primeiro dia era chegar, me ambientar, e, no segundo dia, já me reunir com o gerente e as garotas para apresentar o laboratório para todas e todos da boate. Já existia uma expectativa da minha parte e da parte de algumas garotas, devido ao que tínhamos conversado anteriormente, elas sabiam da minha pretensão de desenvolvimento de trabalho em conjunto com elas. Da parte delas, o que tinham absorvido das ideias era que faríamos um trabalho artístico e que poderia ajudá-las nos shows de *strippers*.

Desde a elaboração do Laboratório de Performance, minha ideia era desenvolver um trabalho tendo como objetivo as poéticas de si, não queria entrar neste momento nos shows de *stripper*. Se o trabalho ajudaria ou não, após realizado, só o retorno delas iria apontar. Comigo, tinha este entendimento. O que vivi durante a infância, com as montagens e shows super coreografados, era bem diferente dos tempos atuais. Antes, havia muito dinheiro e muito investimento, situação bem diferente da atual nas boates *night club* que tive a oportunidade de conhecer. Como me disseram uma vez: “dinheiro atrai dinheiro” e antigamente, os shows eram montados seguindo essa máxima.

A ideia era que o Laboratório de Performance acontecesse numa sexta, sábado e domingo. Cheguei numa quarta-feira e me organizei para, na quinta-feira, ter esta reunião introdutória. Aqui começam os desaguamentos, fissuras e descontroles certos de toda a experiência. Ao escrever este artigo até aqui, fico pensando o quanto essas experiências precisavam escorrer, anarquizar, transgredir e a importância de se ter aberturas para que esses lugares cheguem como tem que chegar.

Na quinta-feira, com tudo organizado por mim, não aconteceu o encontro. Fiquei aguardando o gerente me chamar e, com isso, o tempo passou e chegou o horário da boate abrir. Entrei em um desespero e fui convidar as garotas no começo de trabalho delas. Elas já estavam no salão⁹. Haviam aproximadamente quinze garotas na casa. Não entendia, até aquele momento, que a boate tem o próprio fluxo inconstante e pulsante. Assim é a noite. Comecei a me apresentar e convidá-las uma por uma. A maioria das garotas eu já conhecia, outras não. Fui naquelas que não conhecia primeiro. Elas estavam em grupos espalhadas pelas mesas do salão onde chegava e me

⁹ Como é chamado pelos funcionários da boate o local aonde é a pista de dança e as mesas.

apresentava. Esse foi outro momento que também entendi que o fluxo de informações da boate era outro e já ocorrera. Meu corpo não era novidade naquele ambiente, mesmo quem não me conhecia, já me conhecia. Contudo, era de importante relevância minha aproximação e apresentação pessoal para quebrar os possíveis “gelos” e estreitar laços com quem não conhecia. Quando cheguei próximo da terceira garota, ou quarta, começaram a chegar os clientes. Era a noite dando continuidade aos seus movimentos. Não podia e nem queria atrapalhar o trabalho delas. Saí do salão e subi para a suíte pensando em outras estratégias para convidar as garotas que não tinha chamado ou tido contato anteriormente. Era previsto que até a manhã seguinte a maioria das garotas já iriam saber do que se tratava e minhas intenções, pois as informações circulam, porém, um convite pessoal era o que eu considerava correto.

Nessa perspectiva, tive a ideia de deixar na parte da manhã, um bilhete nas portas dos quartos aonde elas se hospedam, no segundo andar. No bilhete-convite, deixei um bom dia, me apresentei e as convidei, deixando o nome do laboratório, horário e local. Escrevi e preguei com durex na porta dos quartos. Assim foi feito.

Na parte da manhã, fiquei preparando o galpão aonde aconteceria o laboratório. Lavei o chão, organizei algumas parafernalias que estavam espalhadas, limpei os banheiros, organizei lanches e água. Tudo preparado. A tarde chegou e com ela, a expectativa aumentava. Para mim, se apenas uma pessoa fosse, estaria feliz demais. Eis que, no primeiro dia do Laboratório de Performance, sexta feira, nove meninas foram e duas pessoas convidadas por mim, artistas locais, também compareceram. Tudo correu bem próximo do que havia organizado. Abrimos com uma roda de conversa onde nos apresentamos previamente, momento importante porque, mesmo as garotas trabalhando e se instalando no mesmo local, nem todas conhecem ou desejam conhecer todas. A noite é um campo de disputa e meu desejo era criar um ambiente mais acolhedor com o laboratório. Expliquei os motivos e as questões que me levaram a desenvolver o Laboratório de Performance – Tumulto e o porquê de ter escolhido uma boate para desenvolvê-lo.

Após a roda inicial, propus andarmos pelo espaço trocando olhares, cruzando caminhos e riscando o chão, demarcando e trocando possibilidades territoriais. Elas desenvolveram juntas questões ligadas a velocidade, alturas, direção e olhares. As participantes se sentiram bastante à vontade com as atividades propostas, observei que elas já traziam um repertório corporal conectado com as propostas sugeridas, desenvolvendo bem as rotinas, interações, proximidades e

trocas. Das onze mulheres que começaram a participar da oficina, sete ficaram até o final, as outras quatro, tiveram compromissos externos e saíram. Das que ficaram, duas acharam melhor se afastarem em um determinado momento e pediram para continuar participando do laboratório observando. As rotinas propostas estavam em sintonia com os corpos que performavam tornando em determinados momentos objetivos em comum enquanto grupo. Ao final, refizemos uma roda onde foi compartilhado impressões, trocas e vivências que ainda pulsionaram naqueles corpos.

No segundo dia, sábado, eu estava bem animado ainda reverberando os impulsos do primeiro dia. Embora tenha ficado uma parte da madrugada no movimento da boate, acordei cedo e preparei o galpão e os materiais para o dia. O segundo dia prometia devido as reverberações do primeiro. Eis que, para minha surpresa, depois de uma hora de espera, apareceu somente uma garota e disse que tinha um compromisso, que não poderia participar no dia. No começo fiquei pensativo, pois, o primeiro dia me surpreendeu pela procura da parte delas, participação e trocas. Fui procurar entender e rapidamente veio a resposta. Na noite anterior, a boate havia dado muito movimento com clientes até as 09 horas da manhã. Algumas garotas voltaram de programas às 12:30min. Ou seja, impossível elas acordarem para o Laboratório de Performance as 15 horas.

Neste momento, comecei a me desorganizar internamente para maior abertura e sensibilização de entendimento do espaço onde estava, da frequência e vida que este espaço possui e como aqueles corpos se desenvolvem e se modificam no funcionamento proposto e escolhido por eles. Um funcionamento noturno, de negociação corpórea e que possui suas dinâmicas. A experiência estava acontecendo por outros canais disponibilizados em uma dinâmica sutil que escorria pelas paredes, tomava conta do éter, sussurrava no espaço e rompia expectativas programadas. Começava ali a me aproximar de um entendimento maior sobre afetividades, disponibilidades, abertura, performance e suas conexões com a educação. Como pesquisador, em busca de pulsões afetivas, era um momento de sentir, descontrolar, ouvir, receber e me desafiar. A performance-arte estava acontecendo nos corpos, no tempo e no espaço. BATISTA e CARNEIRO (2017), apontam que a subjetividade é constituída de modo complexo, também movediço, não se dá por uma única via, mas, por vários elementos discursivos e não discursivos que se entrecruzam e nos atravessa. A complexidade tomava outra forma ali na minha frente e a disponibilidade e sensibilização para entendimento da situação proposta pelo fluxo da vida havia acabado de me atravessar. Estava experimentando um momento único de desorganização de pilares estruturais

que havia construído, entendendo que aquela movimentação estrutural era a melhor saída para aquele momento. A performance acontecia.

Aguardei durante uma hora e meia e após este horário voltei para a suíte para fazer um relatório e pensar em mais estratégias, ainda extasiado com o que tinha ocorrido. Eis que, no caminho, encontro com uma garota, Radha¹⁰ que pediu desculpas por não ter ido ao laboratório e sugeriu, explicando, que a segunda-feira era bem melhor para as práticas artísticas. Segundo Radha, no Domingo é a folga delas e a boate não abre. Ela sugeriu a segunda-feira, quando as garotas estão descansadas. Agradei imensamente a Radha pela dica, mesmo assim, optei em cumprir a data programada, pois, tinha um trato com o gerente da casa e assim segui.

No terceiro dia, domingo, fui para o Laboratório de Performance sem expectativas e super feliz por tudo que tinha acontecido até o momento. Na noite anterior, fiquei acordado na suíte sem sair. Fiquei pesquisando o funcionamento e andamento das suítes durante a madrugada, os gemidos, os batidos dos saltos finos e tamancos no chão, as conversas altas e sussurradas, o abrir e fechar de portas, o barulho do vento. O sábado também foi de bastante movimento na boate com clientes até na parte da manhã de domingo. Minha ida para o galpão na tarde de domingo também foi para marcar território e para pensar em alternativas. Foi muito bom, pois encontrei o gerente e conversamos muito sobre o que estava sentindo e sobre as impressões até aquele momento. Ele me deixou a vontade e se mostrou super solícito e aberto para outras propostas.

Seguindo e entendendo a dica de Radha, resolvi começar do zero com outra proposta: um *Laboratório de Performance – Tumulto* de dois dias, mais condensado, com uma abordagem diferente das primeiras. Com a abertura do gerente, pensei em sair do galpão e buscar um espaço dentro da boate. O horário continuaria as 15 horas e os dias seriam na terça e quarta. Escolhi estes dias, porque, pelo que pesquisei com os funcionários, são os dias com menos clientes e quando a boate fecha mais cedo. Não optei pela segunda, pois, observei que no domingo elas retornaram bem tarde da rua, achei mais interessante não marcar nada na segunda-feira e começar na terça já pegando o fluxo e rotina da boate e delas.

Como estratégia de apresentação, resolvi escrever, informando que era estudante do curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, que estava em uma pesquisa artística no

¹⁰ Nome fictício que trago de referências da cultura indiana.

formato de Laboratório de Performance, voltado para mulheres que trabalham em boates *nights clubs*, com a intenção de experimentar aproximações artísticas que lá existiam. As cartas, escritas de próprio punho, foram colocadas em um envelope e, na abertura da boate, quando as garotas chegaram para trabalhar, entreguei na mão de cada uma os envelopes personalizados. Escrever os nomes pelos quais elas atendem no envelope e na carta, tornou íntimo o acolhimento além das proximidades que se materializaram. Neste dia fui dormir cedo após a entrega das cartas.

Na segunda-feira, já havia acontecido uma rotatividade de garotas. Algumas tinha ido embora e outras chegaram. Na terça-feira, acordei cedo e preparei o novo local. O gerente permitiu o uso da boate em uma parte onde ficavam as mesas móveis. Como feito anteriormente, deixei algumas frutas, água e biscoitos disponíveis. Deixei as almofadas também próximas. Percebi que seria bom ser dentro da boate, porque, o chão é de madeira, diferente do galpão onde o chão é de cimento. E assim, tudo preparado para recebê-las. Estava bem animado.

No primeiro dia da segunda tentativa, foram cinco garotas. Abrimos com uma roda de conversa onde compartilhamos desejos e vontades numa aproximação, uma conciliação dos trabalhos em performance e as ligações com os shows de *strippers*. Embora o show de *stripper* não fosse meu objetivo específico, o assunto fluíu e entendi que, como arte educador, compartilhando uma proposta mais híbrida, falarmos dos shows fazia muito sentido. Das cinco garotas que participaram, duas eu não conhecia pessoalmente. Na noite anterior, havia me apresentado apenas através das cartas. Em seguida, foi proposto um aquecimento corporal em grupo quando, novamente, se estabeleceram canais de construção e sintonia entre as participantes, o espaço e suas poéticas. Foram propostas rotina performáticas como andar livremente pelo espaço da boate com um copo cheio de água até a borda sem, na medida do possível, deixar a água cair no chão durante 30 minutos, ler trechos de textos, escolhidos por mim, para uma pedra ou uma planta ou para a parede.

Extrapolar fronteiras de uma rotina maçante com ações performáticas trazem uma radicalidade afetiva no modo de ver e pensar o próprio mundo. Nessas fronteiras, as poéticas de si eclodem como um reorganizar saindo do interno para o externo artisticamente. É uma desordem organizada por fluxos de sentimentos e possibilidades que o corpo experimenta. Por fim, terminamos o dia em uma roda dialogando sobre assuntos diversos e nas práticas das rotinas, as experimentações, nossos encontros ali e sobre as artes e suas relações com a noite. Era

desconhecido para elas o universo da noite com shows montados, como havia visto enquanto criança. Elas não imaginavam uma noite como as que relatei para elas da década de 80 e 90.

No segundo dia, quarta-feira, ocorreu o mesmo que nos dias anteriores, ninguém apareceu. Porém, desta vez, eu não estava com tanta expectativa. Resolvi aguardar e aproveitar o tempo para fazer um balanço de tudo o que aconteceu até aquele momento no *Laboratório de Performance – Tumulto* e o que aconteceu comigo convivendo ali naqueles dias.

Aguardei uma hora, duas horas, e foi quando chegaram três garotas. Retomamos a conversa do dia anterior, sobre os shows das boates, sobre como era a noite *night club* e como eu a via quando criança, os espetáculos e sobre as experiências artísticas delas tanto em boates, quanto em outros lugares. Ficamos ali, sentados em uma mesa em meio aos espelhos, cadeiras, cinzeiros, aquário, que compunham a decoração e toda a parafernália noturna iluminada pela luz do dia. O cheiro da noite anterior era forte, em cada parte, em cada canto, um misto de nicotina com álcool e perfumes doces e amadeirados. Liguei o computador e começamos a ver vídeos de artistas em ação performática e conversar sobre. Chegaram mais três garotas e nos ajustamos novamente em volta das mesas. Vimos performances de artistas como Renata Felinto, Ana Luiza Santos, Priscila Resende, Cristiana Nogueira, Claudia Paim, Marina Abramovic, festivais de performance e fotos de performances que tinha registrado nos meus arquivos. Elas relataram suas impressões e como aquele universo e as práticas artísticas afetaram todas, como o acolhimento foi marcante nessas trocas e como foi importante para elas terem esse espaço.

Encerramos o *Laboratório de Performance – Tumulto* com nossos corpos encruzilhados de honestidade na entrega, guiados pelas poéticas do encontro em performance. Foi uma tarde inesperada, feliz com muitas trocas e com as situações acontecendo como tinham que acontecer. O que foi programado, pensado, organizado por mim, dentro dos objetivos do *Laboratório de Performance – Tumulto* foram ultrapassados. Fui atravessado pelo cotidiano da boate, engolido pela noite, regurgitado em minhas propostas e pensamentos e extremamente acolhido pelas garotas. Estava muito feliz de estar vivendo estes momentos com aquelas pessoas, ultrapassou o que imaginava. Precisei em vários momentos me desligar e iniciar do zero, desvencilhar e recriar. Eram oportunidades em performance que estavam acontecendo comigo e, quando percebi, passei a servi-lo. A abertura das garotas para as propostas foi muito importante, tive muito receio delas não participarem devido às rotinas desses corpos, um desgaste tremendo onde praticamente se troca o

dia pela noite. A madrugada é muito puxada para se trabalhar, ainda mais em um fluxo diário de segunda a sábado. Guiadas pela experimentação em performance-arte, através das rotinas, seus corpos experimentaram artisticamente pulsões e possibilidades de ampliação e ressignificação poéticas.

A sensibilização e os mecanismos performáticos em educação são constantemente testados em processos de transformação constante. Por mais familiar que possa ser, estávamos todas e todos compartilhando momentos novos em uma situação moderna e transgressora rompendo com a dita “normalidade” daquele local, daqueles corpos e daquelas histórias. Renata Aparecida Felinto dos Santos em “Arte é educação e educação é para todos”, aponta para o caminho da experiência e da disponibilidade:

E o “aprenderaprender” que cunhamos aqui como palavra composta diz respeito à experiência a que se propõe aquele ou aquela que se abre para o experimentar à despeito da quantidade de informações transformadas em conhecimentos que carrega consigo. Refere-se ao quanto estamos disponíveis de corpo e mente à experiência proposta por outrem, ao desconhecido, à saída da zona de conforto. Portanto, exitosos os projetos que transformaram encontros em experiências. (SANTOS, 2014, p. 03)

A disponibilidade e abertura para esses encontros poéticos permitiram uma experiência respeitosa, singular e eterna contrapondo a vida proposta em um ambiente aonde os corpos são objetificados, a violência e os desejos mais íntimos escorrem em gotas pelas paredes e rastros são deixados nos vidros como uma impressão digital cravada na porosidade da pele. O respeitar e o se entregar ao outro, tendo como plataforma a virada afetiva, foi um suporte muito importante para que os ambientes fossem experimentados na horizontalidade e nas trocas de saberes. Saberes estes, culturais, suburbanos, periféricos, noturnos, com mulheres cuja vida é pesada em sua intensidade e responsabilidades. Onde muitas sofrem violências de várias formas desde a infância e que, apesar de todos os contrastes, me acolheram como me acolheram na infância.

De todo o percurso da vida até o momento, ter a possibilidade de me aproximar de outras pessoas, de outros grupos, de outras vivências tendo a arte-educação como uma ferramenta de possibilidades ininterruptas de trocas de afetos é sim, um privilégio. O que mais se aproxima das poéticas de si e das poéticas compartilhadas para mim são os encontros em experiências nas quais SANTOS (2014) aponta que a subjetividade é constituída de modo complexo, também movediço,

não se dá por uma única via, mas, por vários elementos discursivos e não discursivos que se entrecruzam e nos atravessam (BATISTA; CARNEIRO, 2017, p. 391).

São as proximidades e os entrelaçamentos sociais, culturais, econômicos, artísticos e humanos que compõem as poéticas. As poéticas emergentes necessitam se espalhar, se ampliar no universo artístico e não se restringir a determinados grupos reconhecidos por determinadas instituições específicas. As poéticas de si eclodem em qualquer esquina, encruzilhada, beco, subúrbio e nos corpos clandestinos noturnos.

Após o *Laboratório de Performance – Tumulto*, continuei minhas experimentações e ações performáticas na boate *Casa Blanca*. Experimentei dois processos fotográficos que intitulei de *Camadas*, ainda em andamento. A primeira camada, consistia em fotografar as suítes onde aconteciam os programas, entrando nos quartos após o programa, logo em seguida à saída dos clientes. Fotografava os rastros deixados após esses encontros sexuais e suas parafernalias sem alterar e nem tocar em nada. E este processo se dava muito rápido, porque, assim que acabava o programa e o casal, trio... descia para a boate, a funcionária da arrumação vinha ajeitar o quarto. Era tudo muito rápido.

A outra camada, fotografar as bolsas das garotas e o que continha dentro delas. Tudo isso, com a devida autorização. Fotografava as bolsas e, depois, o que tinha dentro de cada uma. Em um primeiro momento, tentava aproximar, através da fotografia, os mundos e as possibilidades de diálogo que existem através de objetos cotidianos. Pretendo somar esses materiais fotográficos aos objetos e às outras fotografias que desenvolvi no começo dessa pesquisa que citei no começo desse texto.

Assim, depois de três semanas ininterruptas de residência na boate *Casa Blanca* onde muito pouco saí, encerrei esse mergulho. Porém, o que achava que seria um encerramento de ciclo tornou-se oportunidade aberta que ecoa e vaza em contínuo e múltiplo olhar para a vida. São oportunidade para futuras trocas e aprendizados do viver. Nas semanas que fiquei na boate, fiquei imerso e mergulhado novamente nesse outro olhar dos mundos. É um universo onde as pessoas que compõem esses modos de viver me acolheram desde a infância e agora, na fase adulta, voltavam a me receber. Foi muito forte para mim relembrar, recriar, me entender e me aproximar de tudo isso novamente. Joguei-me. Respeitando os espaços, as pessoas, o tempo, as forças que em muitas vezes são contrárias pois uma característica da noite *night club* são os estímulos. Estímulo a

bebidas alcoólicas, ao sexo, as drogas, ao tráfico, ao furto entre outras práticas que estão aí no mundo. É do ambiente e é do mundo. O respeito em qualquer desses territórios tem que prevalecer. Saber chegar e saber sair. Em minha rotina nestas três semanas só descia para o andar aonde as garotas se alojavam no horário do almoço. Eu era o único homem no prédio todo durante o dia e não queria de forma alguma incomodar ou influenciar no dia-a-dia e na liberdade das garotas que moravam ali bem como das funcionárias do dia, cozinheira e o pessoal da limpeza. Por isso, só descia para usar a cozinha no almoço. Já que a rotatividade das garotas da boate era muito grande e eu só percebia este fluxo e as mudanças de noite no salão quando todas estavam na boate.

Despedi-me de todas que estavam no salão na noite anterior e retornei a Belo Horizonte. Retornei a Belo Horizonte muito mexido enquanto artista, educador em formação, pesquisador e ser humano. Como adulto, fui muito tocado naquele retorno ao ambiente da noite. Entendi-me melhor enquanto pessoa nas relações e internamente com meus sentimentos, paixões, afetos e compartilhamentos. Neste ambiente, durante três semanas, pude entender melhor algumas pulsões sexuais, frustrações, vasões e atitudes que tinha enquanto adolescente e adulto tímido e calado. Passei a adolescência e começo de fase adulta com muitos questionamentos relacionados a formas de me relacionar com o sexo oposto. Embora existisse o desejo pulsante e interesse com relação à outra pessoa, não era daqueles de me aproximar, me apresentar e daí contar do meu interesse para outra pessoa. Ficava mais dentro de mim. Cresci vendo meus amigos se impondo e tomando a frente nestes tipos de ações e abordagens muitas vezes invasivas, violentas e autoritárias. Por não agir com a maioria dos meus amigos, entrava em meus mundos e canalizava esta energia em outras atividades lícitas e não lícitas.

Nesta pesquisa, residindo dentro da suíte, pude refletir melhor quando esse desejo sexual veio à tona sendo influenciado pelo ambiente. Aqui, a virada afetiva novamente vem à tona, mostrando sua efetividade quando as relações se misturam e estão se transformando durante a pesquisa. Eram sentimentos muitos parecidos com o desejo que tive na adolescência. Adrenalina sobe, várias energias vêm à tona e aquele borbulhão de sentimentos eclodia internamente. Hoje, consigo entender melhor e desorganizar esses lugares artisticamente aproximando essas pulsões internas em ações performativas e processos meditativos de autoconhecimento. Cresci, e muito, como ser humano novamente. Acredito que passamos por processos intensos de redescobrir esses corpos performáticos em um processo educacional afetivo de eclosão poética. As poéticas de si

exalam agora na boate *Casa Blanca*, escorre nos polos daqueles corpos rebeldes e acolhedores. Enquanto educador em formação, sinto que a transformação esteve presente a cada respirar, a cada experimentação, a cada movimento corporal e rotina aplicada. A performance-arte permite entender como cada transpirar é importante no processo artístico interpessoal, cada palavra e cada pulsar. São afetos poéticos para a vida toda.

Três mulheres mantiveram contato comigo via redes sociais após nossos estudos e experimentações, retornaram agradecendo e ressaltando o quanto foi importante vivenciar a arte naquela etapa da vida. Aprendi demais com todo o processo e sei que ainda tenho muito a aprender. Entendi que meu objetivo com este processo era não ter objetivo e sim experimentar o viver. O experimentar era o objetivo. Acredito que nesta experiência do *Laboratório de Performance - Tumulto* a pergunta anterior se inverte. Antes, a questão era como transformar as vivências das pessoas em arte, em poéticas. Agora, penso uma outra questão: Como transformar a arte em vivências?

Referências

BATISTA, Patrícia Giselia; CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Diálogos entre a Arte, a História, a Política e os Feminismos: a performance como um artefato explosivo**. Caderno Espaço Feminino – Uberlândia-MG – v. 30, n.2 – Jul./Dez. 2017 – ISSN online 1981-3082.

BERNSTEIN, Ana. **A Performance solo e o sujeito autobiográfico**. Portal Revista USP: Sala Preta. | P. 91-103 |

BOAVENTURA, Stephanie; PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila M. C. Alves. **Conhece-te a ti mesmo, enfrenta a ti mesmo: os relatos de si como ponto de partida para a produção de conhecimento. Afetos [recurso eletrônico]: pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau** / Organizadores Sônia Caldas Pessoa, Ângela Salgueiro Marques, Carlos Magno Camargos Mendonça. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: **Crítica da violência ética**. Tradução: Rogério Bettoni, - 1.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Liminaridades: práticas de emergência e memória**. O Percevejo Online – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UNIRIO. O Percevejo Online | V. 8, n. 2 | p. 49-59 | jul. / dez. 2016.

CIOTTI, Naira Neide. **O professor – performer**: / Naira Ciotti. – Natal, RN:EDUFRN, 2014.

COOGAN, Amanda. (2011). **What is Performance Art. What is...?**, 1, 9-19. Acedido outubro, 2019 em <http://www.imma.ie/en/downloads/whatisperformanceart.pdf>

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: **O corpo em experiência**. Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. N.4, Dez. 2013.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Portal Revista USP: Sala Preta. R.4-A4, – Eleonora Fabião PMD (2009).

FEIX, Tania Alice. **Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos**. Revista Palco – 2014.

FERÁL, Josette. **Por uma poética da performatividade o teatro performativo**. Portal Revista USP: Sala Preta: R4-A1-JosetteFeral.PMD - 5/04/2009, 08:25.

FERNANDES, Sílvia. **Teatralidade e Performatividade na Cena Contemporânea**. Repertório, Salvador, nº 16, p.11-23, 2011.

KONESKI, A. P. **Corpo visual e corpo performático: experiência das artes**. In: Edécio Mostaço; Isabel Orofino; Stephan Baumgärte; Vera Collaço. (Org.). Sobre Performatividade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009, v. 1, p. 243-265.

LEONARDELLI, Patricia. **Teatralidade e Performatividade: espaços em devir, espaços do devir**. PPGAC - CENA 10 ISSN 2236-3254.

LOPES, Beth. **A Performance da memória**. Portal Revista USP: Sala Preta - R2-A1-BethLopes.PMD - 13/05/2010, 16:05.

MACHADO, Marina Marcondes. **A Criança é Performer**. Programa: Educação e Realidade – ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online). UFRGS-FACED, v.35, n. 2 (2010).

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a Educação**. Editora Autêntica, 2010.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina: Coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados** / Claudia Paim. – Porto Alegre : Panorama Critico Ed., 2012.

MARTINS, Leda. **Performances da Oralitura: Corpo lugar da memória**. Letras nº26 – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras – Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL/UFSM.

MENDES, Julia Guimaraes. **Teatro do real teatros dos outro: os atores do cotidiano na cena contemporânea** / Julia Guimaraes Mendes – São Paulo, USP, 2017.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.) **Ensaio sobre a autoficção**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PRABHUPĀDA, Swami Srila. **Bhagavad-Gita Como Ele É**. The Bhaktivedanta Book Trust | BBT Brasil - São Paulo 1993.

PECH, Andrea. **Performance, teatralidade e contemporaneidade**. Revista Landa – Volume 6 Nº1, 2017.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o Artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer** / Denise Pereira Rachel. – São Paulo, UNESP, 2013.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade** – Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2013.

RODRIGUES, Ana Rita Nunes. **Performance Art: Proposta de formação no âmbito da Educação Não-Formal** / Ana Rita Nunes Rodrigues. – Lisboa, Universidade de Lisboa, 2015.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **Arte é educação e educação é para todos** “Encontros Cafuzos”, 2014.

SÍBILIA, Paula. **O Show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro - Editora Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Renata Teixeira Ferreira da. **Performance do encontro: a experiência de si, do outro e da cidade como busca poética**. Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 136-147, maio 2016.

Artigo submetido em 16/03/2020, e aceito em 24/12/2020.